

## OS SUJEITOS DO REISADO DE IBOTIRAMA — DA INVISIBILIDADE À RESISTÊNCIA DA CULTURA POPULAR

Tâmara Rossene Andrade Bomfim<sup>1</sup>

Orientadora: Dra. Edil Silva Costa<sup>2</sup>

*Resumo:* A dissertação em andamento objetiva estudar o Reisado em Ibotirama — BA. As cidades do território inicialmente tinham a sua dinâmica em torno do rio São Francisco, que ditava seu ritmo e das trocas comerciais. Ibotirama nasce nesse contexto, permeada por essas relações. No entanto, o crescimento das cidades modificou os modos de vida e os sentidos atribuídos ao rio. O primeiro capítulo, em fase de construção, situará o leitor no território do Velho Chico e nas relações sociais aí desenroladas. Descreve-se o histórico da cidade e justifica-se seu recorte para a pesquisa. Em seguida, apresenta-se o Mapeamento Cultural de Ibotirama e busca-se mostrar a diversidade encontrada no município para melhor compreender o Reisado, que será apresentado no capítulo subsequente. Vem sendo realizada pesquisa de campo e a base teórica se constrói a partir dos estudos de Stuart Hall, George Yúdice, Nestor Garcia Canclini, Paul Zumthor, Antonio Albino Canelas Rubim e Clifford Geertz.

*Palavras-Chave:* Velho Chico; Ibotirama; Reisado; modos de produção; identidades.

### 1. INTRODUÇÃO

Grande parte das cidades ribeirinhas do São Francisco é oriunda de pequenas vilas, que se formaram através da dinâmica ditada pelas trocas comerciais e pelo transporte de cargas e de passageiros, nos tempos áureos da navegação a vapor, que se iniciou em fins do século XIX e se estendeu até a década de setenta. Mais do que matar a sede, o rio significava a própria vida das comunidades, ditando costumes e ofícios, permeando trocas, estabelecendo relações, nos portos e embarcações que singravam suas águas. O rio São Francisco esteve durante muito tempo para a população dos seus limites geográficos, como elemento aglutinador, reunindo em torno de si, as diferentes camadas sociais e influenciando os seus estilos de vida. Às suas margens se configuravam relações de poder, na figura dos coronéis, dos escravos, da hierarquia desvelada nos postos de trabalho nas embarcações. Essa dinâmica foi responsável por uma diversidade cultural, que se revela nos Ternos de Reis, nas Chulas, nos Sambas de Roda, na Alimentação das Almas, nos tambores dos Candomblés, nas cantigas, nas lendas, nas rezas, nos ritos e no grande número de manifestações tradicionais, que ainda estão presentes no cotidiano das comunidades. De igual forma, em ofícios que surgiram motivados pela intensificação das atividades de intensidade navegação e que ainda subsistem, a exemplo dos carranqueiros, barqueiros, artesãos e dos produtores de fumo de rolo.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II. Endereço eletrônico: tamarabomfim@hotmail.com.

<sup>2</sup> Docente no Programa de Pós Graduação em Crítica Cultural, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus II.

Com o passar dos anos, a construção das rodovias e as mudanças nos modos de produção, retiraram do rio a sua condição de maior veículo das transações comerciais. As cidades reorganizaram o seu meio espacial e social. A produção cultural também sofreu mudanças, como reflexo dessas modificações. No entanto, muito ainda do que é veiculado sobre as cidades ribeirinhas nos remete a idealizá-las como se estivessem no passado. No imaginário coletivo, as cidades se debruçam sobre o rio. Há a falsa impressão de que parte das suas economias é oriunda da pesca. Um exemplo ilustrativo é a figura da carranca. Ao pensarmos em cidades ribeirinhas imaginamos a existência da escultura, que era utilizada para espantar os maus espíritos e alguns animais, fixando-as nas proas dos barcos. Em contraponto, a carranca hoje é mais utilizada como peça de decoração nas residências e como lembrança de viagem, numa simbologia ao rio, mas um número muito reduzido é encontrado nas embarcações. De igual forma, as rodas de São Gonçalo ocorriam com maior frequência, há algumas décadas. No entanto, a população em sua maioria, residia na zona rural e eram frequentes as promessas ao Santo, para que não se perdessem as produções nas lavouras, por falta de chuva e para que as colheitas fossem fartas. O esvaziamento do campo, com o deslocamento de parte da população que aí residia para as cidades, trouxe para esta manifestação uma simbologia de celebração, mas, não mais pelos resultados nas lavouras e sim pela devoção religiosa ou pelo simples ato de comemorar algo, ou ainda, por promessas relacionadas a outros fins. E assim, os Ternos de Reis, a Alimentação das almas, as narrativas orais e demais expressões da cultura popular ribeirinha se modificaram, para atender a uma nova ordem social instaurada.

O município de Ibotirama está situado a 649 km da capital do estado da Bahia, na região do Médio São Francisco, um dos trechos ainda navegáveis do Velho Chico e será a área recortada para a realização desta pesquisa. A delimitação geográfica para a pesquisa de campo foi efetuada, devido a extensão do território do Velho Chico, que conta com 16 (dezesesseis) municípios.

A minha relação direta com o município de Ibotirama, minha cidade natal, trouxe essa inquietação. Desde criança, os movimentos populares da região ribeirinha do Território do Velho Chico, sempre estiveram a minha volta. E eu a volta deles. Os grupos de reis no período de dezembro a janeiro, as rodas de São Gonçalo no pagamento das promessas, o canto das lavadeiras no meio da manhã, as benzedeiças me curando dos “quebrantos”, as assombrações nos becos e as expressões orais, nas lendas e nos ritos. Essas e outras manifestações da cultura popular estiverem presentes em meu cotidiano desde os primeiros dias e atravessaram a minha infância e a adolescência, como se fossem familiares muito próximos. Mas eu não estava diretamente envolvida em nenhum destes grupos, nem os meus ancestrais. O que me ocorre pensar, que num passado não muito distante, mais precisamente nas décadas de 70 e 80, quando vivenciei estes fatos, as famílias, independentes

das classes sociais das quais eram parte, até mesmo as mais abastadas desta região, abriam as suas portas para as manifestações periféricas, reconhecendo nelas, a sua identidade. As classes com maior poder econômico, ofertavam algo em troca para que os grupos populares se apresentassem. Nem sempre era dinheiro vivo o que ofereciam, muitas vezes era comida e bebida. Para os atores dessas manifestações, eram oportunidades de levarem adiante o legado da oralidade e de celebrar, cantando os coros em uníssonos, nas salas de famílias humildes e nas salas dos centros de poder. Assim eu presenciei, repetidas vezes, a cultura popular pedir passagem, na sala de uma liderança política daquelas bandas: o meu avô materno.

Após alguns anos longe da região, volto no ano de 2005. Entre as minhas buscas, a cultura popular sendo ativada em minhas memórias. Mas o discurso que se perpetuava nas ruas por onde os grupos transitavam com liberdade é de que a cultura popular ribeirinha do Velho Chico já não existia mais. Indagando aqui e ali sobre o que ainda sobrevivia, escuto que as expressões já não são mais as mesmas, que não tem originalidade, que perderam a sua pureza. E foi essa vontade de verdade que me moveu a iniciar essa pesquisa, provocada inicialmente, fora do ambiente acadêmico. Trabalhando como Assessora de Projetos na Prefeitura Municipal de Ibotirama, na primeira oportunidade e por uma necessidade apontada no trabalho de articulação do Selo Unicef, juntei argumentos e parceiros e coordenei o Mapeamento cultural de Ibotirama. O Mapeamento me trouxe um novo olhar sobre o discurso instituído. Saímos com um roteiro pronto, de pequenas indicações dos sujeitos que ainda existiam. E esse roteiro se transformou em caminhos rizomáticos, um mapa, como diria Deleuze (1995), com suas *“múltiplas entradas”*. Cada mapeado indicava outros novos atores, totalmente desconhecidos para nós. O mapeamento trouxe dezenas de conexões, apontando grupos e expressões que sobreviviam, sem se preocuparem em permanecer a margem da produção cultural reconhecida. Essas vertentes que se desvelaram, me levaram ao trabalho paralelo de produção cultural, voltada para a periferia ribeirinha, avançando por outros municípios, inquirindo, pesquisando. Na impossibilidade de pesquisar toda a cultura popular do município, essa pesquisa será realizada apenas com um grupo de Reisado, que foi escolhido devido a proximidade com os integrantes e ao trabalho que realizei entre 2013 a 2015 com o mesmo grupo, com a produção de oficinas de reisado, através de projeto aprovado em edital da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT), com o registro em material áudio visual. Devido ao tempo reduzido para a pesquisa de campo, optei pelo Grupo de Reisado do Cantinho, por já ter um caminho percorrido junto a eles.

Uma nuance observada foi o trânsito que ocorre dos sujeitos, entre as manifestações. Dessa forma, o reiseiro participa das rodas de São Gonçalo, das rezas, da Alimentação das Almas. Sendo assim, ao eleger os Grupos de reis como o objeto de estudo, termino por atingir outras

manifestações, já que os sujeitos transitam entre elas. Os reiseiros refletem a realidade de outros tantos atores da cultura popular de Ibotirama e do território do velho Chico, invisíveis nos discursos propagados e nas políticas públicas praticadas.

A análise do contexto descrito remonta inicialmente a uma questão de identidade, que fazem surgir vários questionamentos: Parte dos ribeirinhos dessa região deixaram de associar a sua identidade as manifestações populares porque já não se reconhecem nessas feições, porque a cultura popular está deixando de existir ou porque estão sucumbindo aos padrões hegemônicos? É uma escolha pensada ou um discurso de poder que está se sobrepondo? Para pensar as questões relacionadas a identidade, serão utilizados os estudos de Stuart Hall, na obra *Da diáspora: Identidades e Mediações culturais*. E para pensar essas questões relativas a identidade, enquanto reconhecimento espacial, enquanto o pertencimento do indivíduo ao seu lugar, o embasamento teórico será dado através da obra de Ana Fani Alessandri Carlos, *O lugar no/do mundo*. Cabe destacar o trecho que diz que:

toda memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo, portanto uma memória dividida — real ou fictícia — propicia a coesão de um grupo e, em consequência, cria a integração. Um grupo que só se pode visualizar num espaço onde elementos da sua história estão presentes. Cada grupo definido localmente tem a própria memória e uma representação do tempo que é só dele. Ocorre que cidades provinciais se fundem em uma nova unidade enquanto o tempo comum se amplia. Esse fato nos colocaria diante de uma nova dimensão da relação entre a constituição da identidade e das relações do indivíduo com o espaço e o tempo (CARLOS, 2007, p. 48).

Torna-se necessária a abordagem e compreensão da oralidade, visto que, a cultura popular ribeirinha do Velho Chico é fruto desse trânsito entre as gerações. Para tal, Paul Zumthor oferece todo um caminho traçado que possibilita entender as “marcas da voz viva”. Possibilitando adentrar no universo que abriga as vozes desses sujeitos, que estão tão embrenhadas nesse cotidiano, que muitas vezes passam despercebidas enquanto vozes ancestrais que são. São vozes reais. Vozes que se perpetuaram e que nem sempre são escutadas com clareza.

A utilização de Michel Foucault será convergida para o estudo dos poderes instituídos, seja no discurso, seja nas relações sociais e econômicas, que empurram cada vez mais os grupos populares para as periferias. E também para buscar uma análise da reação dos sujeitos subalternizados para continuar produzindo cultura, para continuar sobrevivendo.

A busca dentre os resultados esperados de possibilidades, no que tange as políticas culturais locais e regionais traçadas para a cultura popular ribeirinha, tornam necessária a utilização do trabalho de Antonio Albino Canela Rubim, dada a sua importância no entendimento das políticas culturais delineadas no país, a partir do governo do Presidente Lula, período em que houve a

descentralização dos editais de cultura e em que passou a existir uma participação efetiva, do município de Ibotirama e região, nas políticas públicas culturais.

E por fim, Clifford Geertz, para buscar o conceito do que vem a ser cultura. Como o próprio autor diz, “*não como uma ciência experimental, em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado*”. A procura dos significados e representações que essas expressões têm, para a população do seu território. Ou ainda, dos novos significados atribuídos pelos sujeitos, na teia cultural da qual fazem parte.

Espera-se alcançar como resultado, a reflexão sobre a produção cultural do território do Velho Chico, com a divulgação da pesquisa e discussão da mesma junto aos sujeitos da cultura popular e representantes do Governo; buscar uma forma de repensar os discursos construídos sobre a resistência das manifestações; contribuir com a política pública cultural local e regional, provocando a visibilidade/inclusão destes grupos.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar do/no mundo*. São Paulo: FFCH, 2007.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Paz e Terra, 2015.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e Mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2008

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Políticas culturais no Brasil: tristes tradições, enormes desafios. In: RUBIM, Antonio Albino Canelas Rubim e BARBALHO, Alexandre. *Políticas Culturais no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2007.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução a Poesia Oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.

